

DÍSTICOS DO AMADOR À SUA AMADA

(Para a Paula)

a minha amada, a que hei-de compará-la?
a uma semente trazida pelo vento?

ela encontrou raiz na minha sombra
e agora é alfazema que perfuma toda a casa

a que hei-de compará-la? a uma luz fora da estrada?
a minha amada guia-me e o caminho é novidade

o seu olhar escuta-me o não dito e as palavras
a sua boca beija-me o desejo e a verdade

a que hei-de comparar a nudez da minha amada?
a uma presença única? a uma ilha iluminada?

eu deito-a e percorro-a num naufrágio abençoado
e o mundo sente as ondas do amor que se propaga

o mundo sente as ondas mas devolve-as iradas
e a minha amada é frágil e eu sou frágil, minha amada

a que hei-de comparar a nossa fragilidade?
a um riso, a uma tarde, a uma taça, a uma festa?

a minha amada sabe, a minha amada espera
a minha amada sonha, paciente, e tudo vence

Gosto de um templo onde não se passa nada.
A luz solar que entra é um acontecimento
assim como as sombras que se movem devagar.
Tudo é tão parado que os olhos também param
e ao pararem vêem como se não fossem olhos
mas aberturas simples ou passagens no aberto.

Gosto de uns olhos onde não se passa nada.
A luz mental que entra é um acontecimento
assim como os desejos que se movem devagar.
Tudo é tão parado que as palavras também param
e ao pararem falam como se nada dissessem
mas fossem vozes altas, chamamentos no disperso.

Gosto da palavra em que não se passa nada.
A luz moral que entra é um acontecimento
assim como os enganos que se movem devagar.
Tudo é tão parado que o corpo também pára
e ao parar respira como se não fosse um corpo
mas um desejo aberto, oração continuada.

Gosto de um corpo onde não se passa nada.
A luz do mal que entra é um acontecimento
assim como as culpas que se movem devagar.
Tudo é tão parado que o pensamento pára
e ao parar recebe não a lâmpada e a verdade
mas a ondulação que vem de onde não se sabe nada.

Tudo se abisma para o lugar confuso
onde os pensamentos são temíveis
e os gestos não procuram mansidão.

Ressoam galerias no motim contínuo
de laborações, destroços, maquinações, rupturas
e da própria solidez irradiam as fissuras.

Esta é a obra de titãs. Tudo vacila.
Projecta sombra imensa e uma humanidade
ergue-se enroscada à torre fabulosa.

E eu que a sei por dentro!
Eu que ainda trabalho nessa coluna viva!
Seu clamor civil lança fogo, fumo e cinza.

AS JANELAS

Há uma degradação da evidência nas janelas
não se abrem para ver, antes repetem
tudo para onde estão voltadas
janelas não abertas, perfuradas.

Era tão importante um parapeito, uma paisagem
mesmo um pequeno pátio
a escutar.

Ficava-se à janela a ver lá fora o dia
enquanto era por dentro que o olhar se descobria.

Agora é o exposto: não-passagens
devassas, paredões.
As janelas já não são visitasões.

Cortinas, persianas, pálpebras cerradas
— havia dias frios, vidros rasos de água.
Mas abrir de par em par a casa às primaveras:
com o sol entravam deuses, urzes e cantores.

Janelas que a nada obedeciam
que tudo ignoravam de arquitectura
janelas de crianças, namoros, pensamentos.

Assim eram janelas para o sonho rigoroso:
de um lado o leito branco
e do outro o céu escuro.